

A BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

BIBLIOTHERAPY AS AN AUXILIARY RESOURCE IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

Natasha Coutinho Revoredo Ribeiro^a

Esther Hermes Luck^b

RESUMO

Objetivo: Verificar a percepção de pais e profissionais sobre os benefícios do uso da biblioterapia como recurso auxiliar no desenvolvimento de crianças com TEA.

Metodologia: Fundamentada na pesquisa bibliográfica, a parte teórica inicia com visão de vários autores sobre o TEA para depois apresentar a biblioterapia, e em especial o seu uso como recurso auxiliar no tratamento de crianças com o transtorno. Na parte empírica, realizou-se um estudo de campo de abordagem qualitativa, cujos dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas 26 pessoas, entre pais, pedagogos, professores, psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros.

Resultados: A partir da análise das entrevistas foi possível observar os benefícios que a biblioterapia pode fornecer no tratamento dos principais déficits do transtorno e do efeito positivo no processo de desenvolvimento de crianças com TEA. Além disso, pôde-se perceber que é possível trabalhar a leitura com as crianças que possuam o TEA em graus leve e moderado, embora não tenha sido conclusiva a questão do uso da leitura com crianças de grau severo. **Conclusões:** O presente estudo apresentou evidências sobre os benefícios da biblioterapia em crianças com TEA. Apesar de resultados animadores, sente-se a necessidade de estudos mais amplos do impacto que essa terapia alternativa pode ter na vida dessas crianças.

Descritores: Biblioterapia. Leitura terapêutica. Mediação da leitura. Transtorno do Espectro Autista.

^a Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: natashacribeiro@ufrj.br

^b Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: estherluck@id.uff.br

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 50 anos, a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) parece estar aumentando em escala mundial³. Segundo Paiva Junior (2019), a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que aproximadamente 1% da população mundial pode ter autismo.

Uma vez que ainda não foi encontrada a cura para o TEA, o crescimento exponencial dos casos do transtorno leva à necessidade de buscar tratamentos específicos e de ofertar um leque de opções, pois “[...] alguns tratamentos podem ser mais eficazes para uns e menos para outros, em função de cada autista apresentar um nível de desenvolvimento diferente do outro.” (ONZI; GOMES, 2015, p. 194). Além das terapias convencionais, as terapias alternativas também possuem sua contribuição para esse público. Englobada por esta última está a biblioterapia.

A biblioterapia, de acordo com Seitz (2005, p. 100), consiste em “[...] um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento.” Indica que deve ser administrada por um bibliotecário, entre outros profissionais, capacitado de acordo com as finalidades prescritas e que os fatores importantes dessa atividade são: “[...] os relacionamentos estabelecidos, respostas e reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para interpretação, avaliação e direção do acompanhamento.” (SEITZ, 2000, p. [10]).

Considerando a relevância de se estudar alternativas terapêuticas que possam ser ofertadas às crianças com TEA, a presente pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: atividades de leitura podem ser úteis para o desenvolvimento das crianças com TEA? Existem evidências de que a leitura contribui para potencializar sua sociabilidade, suas emoções afetivas e sua inteligência cognitiva? Por meio da biblioterapia, essas crianças podem melhor lidar com situações do seu cotidiano?

³ Informação obtida por meio do site da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS): <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>

Para tanto, este estudo objetivou verificar a percepção de pais e profissionais sobre o uso da biblioterapia como recurso auxiliar no desenvolvimento de crianças com TEA. Para atingir esse objetivo, a presente investigação se desenvolveu em duas etapas.

A primeira, consistiu em uma pesquisa bibliográfica a qual descreve, inicialmente, a visão de vários autores sobre o TEA, para, em seguida, buscar a fundamentação teórica da biblioterapia e apresentar o que a literatura expõe sobre a biblioterapia como recurso auxiliar no tratamento de crianças com este transtorno. Nessa etapa da pesquisa utilizou-se principalmente livros, artigos de periódicos e legislação referente ao assunto. A busca bibliográfica foi realizada em bibliotecas, no Google acadêmico, na Brapci e no Portal de Periódicos da CAPES. Para a localização de materiais referentes a biblioterapia utilizou-se como palavras-chave “biblioterapia” e “leitura terapêutica”. Para a localização de materiais sobre o TEA, as palavras-chave usadas foram “Transtorno do Espectro Autista”, “TEA” e “Autismo”. Por fim, para localizar materiais que tratassem da biblioterapia aplicada a crianças com TEA construiu-se a estratégia de busca “biblioterapia” *and* “Transtorno do Espectro Autista”.

A segunda etapa consistiu no estudo de campo, que conforme Gil (1999), busca o aprofundamento das questões propostas na pesquisa. Nesta etapa, procurou-se identificar a percepção de pais de crianças com TEA e de diferentes profissionais sobre a utilização da leitura como método terapêutico, e verificar se, na visão deles, a leitura poderia proporcionar benefícios a essas crianças.

Utilizou-se a abordagem qualitativa que segundo Minayo é o método

[...] que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2010, p. 57).

O método escolhido para a coleta de dados foi a entrevista que, para Vieira (2009, p 10), busca “[...] revelar opiniões, atitudes, ideias, juízos”. Adotou-se o método de entrevista semiestruturada para deixar os respondentes mais livres para falar. Dessa forma, elaborou-se um roteiro para cada grupo de entrevistados, de modo a dar abertura para que outras questões que surgissem durante a conversa entrevistador/entrevistado pudessem ser exploradas. Os

sujeitos e os meios de realização das entrevistas são explicitados na seção 4.

Espera-se que esta pesquisa desperte o interesse de profissionais de múltiplas áreas acerca do uso da leitura como recurso terapêutico para o desenvolvimento de crianças com TEA. Espera-se também que funcione como um meio de atrair bibliotecários para o campo da biblioterapia. (desde que capacitados)

2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O autismo foi descrito pela primeira vez pelo Dr. Leo Kanner em 1943, no artigo intitulado *Autistic Disturbances of Affective Contact*, quando ele estudou o comportamento de onze crianças com idade inferior a 11 anos. Kanner (1943) observou que o grupo demonstrou tendência ao isolamento desde o começo da vida, não respondendo a estímulos do mundo exterior. Em sua análise clínica, o autor concluiu que essas crianças “[...] vieram ao mundo com uma inabilidade inata para formar o usual e biologicamente previsto contato com pessoas [...]” (KANNER, 1943, p. 250, tradução nossa) e as denominou como possuidoras de *distúrbios autísticos inatos de contato afetivo* (KANNER, 1943).

A nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi estabelecida no DSM-5, a quinta edição do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, da *American Psychiatric Association* (2014). O DSM-5 classifica o TEA na categoria dos Transtornos do neurodesenvolvimento⁴.

O TEA engloba transtornos que antes eram denominados “[...] autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger.” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 53).

O DSM-5 aponta como critérios para diagnóstico: “Deficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos [...]”

⁴ “Os transtornos do neurodesenvolvimento são um grupo de condições com início no período do desenvolvimento.” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31). Em geral se manifestam cedo, antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por “[...] déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional.” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31)

(AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50) e “Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades [...]” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 50). Além disso, para que o TEA seja diagnosticado, esses sintomas devem estar presentes desde o início da infância e se caracterizam por limitar ou prejudicar o funcionamento diário da pessoa (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar, apresentando ganhos no desenvolvimento ao final da primeira infância (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 56). Mesmo com todos os sintomas, é imprescindível que seja feito o diagnóstico por um profissional da área da Medicina, Psicologia ou Fonoaudiologia. O diagnóstico pode apontar para níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista, conforme ilustrado na Tabela 1:

Tabela 1 – Níveis de gravidade do Transtorno do Espectro Autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: American Psychiatric Association (2014, p. 52).

O Nível 1, o Nível 2 e o Nível 3 também podem ser denominados respectivamente de grau leve, grau moderado e grau severo. (SANCHES; SIQUEIRA, 2016).

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas algumas teorias que buscam explicar o transtorno indicam vários fatores relacionados ao seu

surgimento, incluindo fatores genéticos, imunológicos e ambientais (BRITO; VASCONCELOS, 2016). O DSM-5 endossa essas teorias ao apontar os fatores ambiental e genético/fisiológico como contribuintes para o risco de TEA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

De acordo com Brito e Vasconcelos (2016) ainda não existe medicação ou tratamento que cure os sintomas principais do autismo. A falta de uma cura para o TEA exige o uso de terapias que, aliadas entre si, promovam uma melhora na qualidade de vida dessas pessoas. O tratamento das crianças com TEA envolve as intervenções de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, educadores físicos e a orientação dos pais ou cuidadores. Recomenda-se que o programa seja desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, pois cada pessoa é única (AMORIM, c2019). Além desses tratamentos, existem terapias alternativas que podem auxiliar no tratamento de pessoas com o TEA. Entre elas, pode-se citar a musicoterapia, a equoterapia e a biblioterapia, sobre a qual descrever-se-á a seguir.

3 A BIBLIOTERAPIA

Em sua etimologia, a biblioterapia origina-se de dois termos de origem grega *biblion* – livro, e *therapeia* – tratamento (CALDIN, 2001a). No dicionário Random House a biblioterapia é definida como “O uso da leitura como adjuvante na terapia.” (PEREIRA, 1996, p. 52). Assim, é possível conceituar a biblioterapia, etimologicamente, como o tratamento por meio dos livros, mas pode-se estender seu escopo para o tratamento por meio da leitura, independente do suporte.

Para alcançar o potencial terapêutico, a biblioterapia engloba a

seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados. Sua utilização é considerada atualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais (RATTON, 1975, p. 199-200).

Caldin (2001b) definiu a biblioterapia como leitura dirigida e discussão em grupo que favorece

[...] a interação entre pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa

forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores (CALDIN, 2001b, p. 13).

A autora apontou a catarse, a identificação (pela projeção e pela introjeção), a introspecção e o humor como componentes da biblioterapia. (CALDIN, 2001b).

Entre os objetivos da biblioterapia, Valencia e Magalhães (2015) destacam: ajudar na adaptação à vida hospitalar; melhorar a autoestima; aliviar as tensões diárias; revigorar as forças; amenizar a ansiedade e o estresse; ajudar a lidar com os sentimentos negativos, como a raiva e a frustração; conduzir ao riso; preservar a saúde psicológica; proporcionar compreensão emocional e intelectual; favorecer a socialização pela participação em grupo e permitir uma conexão com o mundo e o contato com a realidade.

A biblioterapia só se torna possível devido ao caráter terapêutico da leitura. Uma das características do ato de ler é a possibilidade de se afastar momentaneamente do real. Ao ler um livro, mergulha-se em uma realidade alternativa vivendo durante alguns instantes a vida dos personagens, preocupando-se com seus conflitos e sentindo suas emoções. Nesse sentido, Caldin (2001a) aponta que a leitura do texto literário opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de sedar e curar. Ela é capaz de favorecer a reflexão, a comunicação, e o autoconhecimento para uma melhor compreensão da vida na solução de problemas.

Devido ao caráter universal da leitura e aos inúmeros objetivos a que se propõe, essa prática pode ser aplicada a um largo escopo. Ferreira (2003) em seu estudo propõe três tipologias da biblioterapia: biblioterapia clínica, institucional e de desenvolvimento.

A biblioterapia clínica é destinada às pessoas com problemas de comportamento, seja de cunho social, emocional ou moral. Tem por objetivo fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamento, com a melhora ou até solução do problema apresentado. “É aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários.” (MARCINKO, 1989 apud FERREIRA, 2003, p. 38).

A biblioterapia institucional possui características semelhantes à

biblioterapia clínica, mas caracteriza-se por ser um auxílio prestado por uma instituição através de uma equipe de profissionais, que pode ser aplicado em grupo ou de forma individual aos seus usuários, “[...] enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto.” (MARCINKO, 1989 apud FERREIRA, 2003, p. 38-39).

A biblioterapia voltada para o desenvolvimento pessoal, por sua vez, configura-se como um apoio literário que tem a finalidade de possibilitar o desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou por ajuda, podendo ser aplicada em caráter preventivo e corretivo. Sua aplicação é indicada em instituições educacionais (MARCINKO, 1989 apud FERREIRA, 2003).

Seixas (2014) aponta que, de acordo com o método de leitura utilizado, a biblioterapia pode assumir três formas: a leitura solitária, compartilhada e coletiva. Essas técnicas poderão ser aplicadas às diferentes tipologias apresentadas anteriormente.

A biblioterapia caracteriza-se como uma área interdisciplinar uma vez que possui etapas em seu processo que demandam diferentes atuações profissionais. Ela pode ser desenvolvida em parceria com diversas áreas do conhecimento, como a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia, a Enfermagem e a Biblioteconomia. (CALDIN, 2001a).

Ainda hoje, existem discussões relativas ao papel que o bibliotecário deve exercer na prática da biblioterapia pois, apesar de ela ter passado a integrar a área da Biblioteconomia em 1904⁵, os cursos de graduação ainda não capacitam o bibliotecário a tornar-se um biblioterapeuta. Alguns autores recomendam que o bibliotecário atue apenas na seleção do material a ser utilizado, enquanto outros acreditam que após passar por uma capacitação o profissional bibliotecário estará apto para aplicar a biblioterapia (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Valencia e Magalhães (2015) apontam que o bibliotecário pode trabalhar

⁵ Em 1904, uma bibliotecária tornou-se chefe da biblioteca do hospital de *Wanderley*, em *Massachusetts*, onde “[...] iniciou um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura.” (SEITZ, 2000, p. [23]). Esse evento fez com que a Biblioterapia fosse considerada um ramo da Biblioteconomia.

em equipe com profissionais da saúde quando a biblioterapia é realizada em hospitais, com profissionais da educação quando aplicada em creches e escolas e com assistentes sociais quando aplicada em prisões, instituições correccionais e centros comunitários. Ou seja, a equipe de profissionais será definida “[...] dependendo do contexto no qual o programa é planejado e aplicado, seus objetivos e os tipos de usuários.” (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 16).

Ferreira (2003) aponta que, para que o bibliotecário possa atuar integralmente como biblioterapeuta, ele deve ser também psicólogo com formação específica. Se for apenas bibliotecário integrará uma equipe multidisciplinar, atuando em vários papéis ou selecionando e preparando os textos a serem usados no processo (FERREIRA, 2003). Esse profissional seria o *the clinical librarian* (o bibliotecário clínico) que Alves (1982) aponta como uma terminologia que começou a surgir a partir de inúmeras discussões que ocorreram a respeito do papel do bibliotecário como terapeuta. Em suma, esse profissional seria um bibliotecário com conhecimento de psicologia e relações humanas, com habilidades especialmente desenvolvidas para atuar em atividades biblioterápicas.

Já para Oliveira (2011), o biblioterapeuta é antes de tudo um bibliotecário com formação para promover a leitura como instrumento terapêutico, sendo, para isso, um profissional especializado que atua em diversos âmbitos da sociedade, interagindo em seu ambiente de trabalho com vários profissionais, como o psicólogo, o psicoterapeuta, e/ou o pedagogo. Além disso, o bibliotecário atua como mediador na medida em que escolhe os materiais adequados no processo de transferência da informação, observando, as necessidades específicas de cada pessoa (OLIVEIRA, 2011).

O profissional poderá utilizar na mediação

[...] contação de história, letras de músicas e, até mesmo, textos teatrais, como ferramentas terapêuticas, de acordo com as necessidades dos indivíduos, empregando-as em pacientes, crianças e adultos hospitalizados; em crianças e jovens, em escolas e abrigos; em idosos, em lares para a 3ª idade; em adultos reclusos em penitenciárias (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 12).

Cavalcante (2019) aponta algumas características importantes do mediador de leitura. A primeira, sem dúvida é ele próprio ser um leitor, pois suas

experiências serão compartilhadas na interação com o outro; ele deve gostar de comunicar-se e gostar de comentar sobre suas leituras; deve ver na mediação a possibilidade de mudança a ser realizada na rotina das pessoas, a fim de que elas entendam o espaço que a leitura ocupa em suas vidas, e deve compreender que o indivíduo passa por diferentes fases até se tornar um leitor ávido, de forma que o mediador não deve fazer exigências, deixando cada pessoa fluir em seu próprio tempo.

Partindo do pressuposto que o bibliotecário é um ator fundamental na biblioterapia, enfatiza-se a necessidade de a Biblioteconomia voltar seu foco também para as questões sociais da área por meio dela.

No atual contexto,

O bibliotecário não deve assumir o papel de guardião dos livros como acontecia há alguns anos. A realidade dos campos de atuação desse profissional está ampliando-se cada vez mais e assumir esse momento é essencial para o fortalecimento e reconhecimento da profissão. De maneira alguma diminui-se a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência [...]. A biblioterapia é um exemplo desse novo momento da profissão (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 399).

Ferreira (2003) se apoia em Marcinko para apresentar algumas diretrizes básicas a serem seguidas pelo bibliotecário na elaboração e conclusão do processo biblioterapêutico: ele deve escolher um local adequado onde serão realizadas as reuniões do grupo; deve ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões; deve formar grupos homogêneos para leitura e futura discussão de temas previamente escolhidos; deve preparar listas de material bibliográfico e outros materiais adequados às necessidades de cada grupo; deve estabelecer uma relação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário.

No entanto, a utilização da biblioterapia em crianças com transtornos de neurodesenvolvimento, exige uma atenção especial, assunto que se aborda a seguir.

4 A BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA

A biblioterapia é uma das terapias alternativas que emerge como

possibilidade terapêutica para crianças com TEA. É importante destacar que esse tratamento deverá ser feito alinhadamente a outras terapias e com acompanhamento de um psicólogo e fonoaudiólogo, destacando a biblioterapia como um recurso auxiliar, e não como substituto.

O que se pretende com a Biblioterapia aplicada aos portadores de autismo é possibilitar o seu autoconhecimento através da reflexão e a sua socialização, pois, uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista – TEA possui algumas características que estão relacionadas ao comportamento, a interação social e a comunicação e que dificultam, portanto, o bom convívio social e conseqüentemente o seu pleno desenvolvimento (SOUSA, 2016, p. 32).

A biblioterapia voltada para as crianças autistas pode dirigir seus esforços a fim de aumentar a comunicação e as interações sociais. Isso porque o ato de ler cria uma conexão entre leitor e ouvinte e, assim, espera-se que a criança possa começar a interagir no momento da contação de histórias e levar essa interação para outras esferas de sua vida. Sousa (2016) aponta que o estímulo às interações sociais também pode se dar pelo desenvolvimento da leitura em grupo, que promove além da socialização a troca de experiências entre os participantes.

Além disso, ao utilizar a biblioterapia, busca-se desenvolver nesse público a habilidade de enxergar o outro ao apresentá-lo a personagens de histórias. Isso porque pessoas com TEA possuem dificuldade de se colocar no lugar de outras pessoas. Ao entrar em contato com personagens e suas histórias, espera-se que isso ajude a desenvolver o sentimento de empatia e que isso dê às crianças com o transtorno a possibilidade de enxergar o mundo de uma maneira diferente, de entender melhor as emoções, os sentimentos.

Outro fator é que, através da biblioterapia, o indivíduo com TEA pode interiorizar as diferentes maneiras de interação social, comportamentos adequados às diversas situações impostas pelo convívio em sociedade e seus princípios e regras, assim como “[...] conceitos intelectuais através da leitura de material adequado e adaptado ao grau do autismo.” (SOUSA, 2016, p. 32). Ao aplicar a biblioterapia a pacientes autistas, busca-se capacitá-los a compreender os sinais sociais para serem aptos de compreender melhor o mundo ao seu redor, exercitando a sua sociabilidade (SOUSA, 2016).

Para atingir esse objetivo podem ser usadas as histórias sociais™ (*Social Stories™*), conceito que, conforme Brilha (2012), foi criado em 1991 por Carol Gray.

Uma história social é uma história curta que adere a um formato e diretrizes específicas para descrever objetivamente pessoas, habilidades, eventos, conceitos ou situações sociais. [...] O objetivo de uma história social é compartilhar informação relevante. (GRAY, 1998, p. 171, tradução nossa).

Hanley-Hochdorfer *et al.* (2010) complementam essa afirmação ao apontar que o objetivo das histórias sociais é “[...] aumentar a compreensão das situações sociais, permitindo demonstrar comportamentos, reações e respostas apropriadas.” (HANLEY-HOCHDORFER *et al.*, 2010, p. 485, tradução nossa).

De forma geral, na prática biblioterapêutica com crianças autistas é recomendado o uso de leituras simples e direta. O biblioterapeuta deve ficar atento à linguagem que será escolhida, uma vez que o mais apropriado é usar textos que possuam conteúdo mais concreto, pois crianças autistas tem dificuldade de compreender figuras de linguagem (SOUSA, 2016). Além disso, Silva (2018) complementa que o tempo de atenção das crianças autistas é baixo, então a leitura deve ser feita de forma dinâmica e bem direcionada, para que elas possam acompanhar até o fim, sem ter sua atenção dispersa.

O uso de recursos que integram escrita e imagens, como os organizadores gráficos, durante a leitura, favorecem a compreensão de crianças com autismo (NUNES; WALTER, 2016). Essas ferramentas são importantes, pois esse público tem dificuldades em imaginar cenários, personagens, cenas (SILVA, 2018).

Fruto do anseio de ir além da literatura científica, realizou-se o estudo de campo, cujos principais resultados são expostos na próxima seção.

5 ACHADOS DA PESQUISA

Nesta seção são apresentados os sujeitos de pesquisa e os resultados obtidos por meio da análise das entrevistas realizadas por grupo de entrevistados.

5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Foram entrevistadas 26 pessoas entre mães, pais, pedagogos, professores, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, uma bibliotecária e uma estudante de Pedagogia. O critério utilizado para selecionar os entrevistados foi o de serem pais ou profissionais (entre os anteriormente citados) que tenham ou já tenham tido contato direto com crianças autistas na idade de 4 a 12 anos incompletos, considerando que essa faixa etária compreende desde a idade em que as crianças ingressam na educação infantil⁶ até a idade máxima, proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁷.

O grupo de entrevistados formou-se a partir do convite a pessoas já conhecidas e a partir de publicações em grupos do *Whatsapp* e do *Facebook* instando pessoas nessas condições a colaborar com a pesquisa.

Das 26 entrevistas realizadas, duas foram realizadas por meio de chamadas de vídeo; quinze foram realizadas através de mensagens de texto/áudio no *Whatsapp*; quatro foram presenciais e cinco foram por meio de telefonemas. Os entrevistados foram divididos em três categorias para direcionamento da entrevista e posterior análise dos dados. A saber:

Quadro 1 – Grupos de entrevistados

Grupos	Características	Participantes
Grupo A	Composto por mães e pais de crianças com TEA na faixa etária de 4 e 12 anos incompletos.	Nove entrevistados

⁶ A idade mínima escolhida teve como embasamento a Portaria nº 1.035, de 5 de outubro de 2018, em que “A data de corte etário vigente em todo o território nacional, para todas as redes e instituições de ensino, públicas e privadas, para matrícula inicial na Educação Infantil aos 4 (quatro) anos de idade, e no Ensino Fundamental aos 6 (seis) anos de idade, é aquela definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais [...]” (BRASIL, 2018). Assim, ao estabelecer a idade mínima de 4 anos, partiu-se do pressuposto que a criança já estaria ingressa na Educação Infantil.

⁷ Para o ECA, considera-se criança, pessoa de até doze anos de idade incompletos.” (BRASIL, 1990).

Grupo B	Composto por profissionais que atuam ou atuaram em escolas, creches e/ou bibliotecas e que possuam ou possuíram em seu trabalho contato direto com crianças com TEA na faixa etária de 4 a 12 anos. Este grupo foi formado por pedagogos, professores, uma bibliotecária e uma estudante de pedagogia que atua como monitora.	Seis entrevistados
Grupo C	Composto por profissionais que atuam ou atuaram em clínicas, consultórios, hospitais e/ou órgãos de atendimento a crianças especiais com trato direto com crianças com TEA na faixa etária de 4 e 12 anos incompletos. Formado por psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos.	Onze entrevistados

Fonte: As autoras (2020)

5.2 OS RESULTADOS EXPOENTES DO GRUPO A

Esta seção busca mostrar alguns traços das crianças com Transtorno do Espectro Autista e como os pais que utilizam a leitura com seus filhos percebem os benefícios que esta atividade pode promover em seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Dentre os nove pais entrevistados, cinco informaram que seus filhos foram *diagnosticados* com grau leve, um com leve a moderado, dois com moderado e um com moderado a severo. As denominações “leve a moderado” e “moderado a severo” foram utilizadas aqui a fim de retratar a exposição feita pelos pais.

Relativamente às terapias às quais as crianças se submetem ou já se submetem, foi possível observar que a fonoaudiologia, a psicologia e a terapia ocupacional destacaram-se consideravelmente. Além disso, outras terapias apareceram nas respostas dos entrevistados, como a musicoterapia, a arteterapia, a terapia comportamental, a equoterapia, a psicomotricidade, a hidroterapia, a psicopedagogia, a terapia cognitivo-comportamental e o judô como forma de terapia. O uso de tal gama de terapias, muitas delas consideradas alternativas, destaca o caráter interdisciplinar do tratamento direcionado às crianças com TEA. Apesar disso, a biblioterapia não foi mencionada por nenhum dos entrevistados.

Relativamente à participação dos filhos na escola todos os pais relataram

que atualmente frequentam a escola regular. Dentre elas, cinco crianças sabem ler e escrever, o que corresponde a 56% da população da amostra. Embora não se possa afirmar que exista uma relação direta entre o grau do transtorno e o saber ler e escrever, uma vez que tanto crianças com grau leve quanto com grau moderado conseguiram ser alfabetizadas, foi possível perceber, conforme relatado pelos pais, que o fato de as crianças não possuírem a fala e possuírem dificuldades de interação atrapalha o processo de acompanhamento da turma e, conseqüentemente, de alfabetização. Isso pode ser um indício de que uma criança com grau severo do autismo terá maior dificuldade nessa área.

Uma das perguntas feita aos pais foi *se seus filhos tinham conhecimento sobre o autismo e se em caso negativo eles optariam por utilizar uma história para explicar aos seus filhos sobre o TEA*. Seis dos oito pais cujos filhos desconhecem o TEA indicaram que fariam uso de histórias para explicar a eles sobre o transtorno. E dois não deram uma resposta definitiva sobre o caso, esclarecendo que ainda não pensaram como se dará essa abordagem. Assim, pode-se perceber que a maioria dos pais consideraria utilizar a leitura como uma forma de explicar aos seus filhos sobre o transtorno. Dessa forma, a leitura seria o meio de identificação através do qual a criança se veria naquele personagem, o que poderia ajudá-la a entender melhor quem é.

Entre os pais entrevistados, oito informaram que possuem o hábito de ler, o que corresponde a 89% da amostra. Os pais apontaram que realizam tanto leituras acadêmicas quanto leituras por entretenimento.

Quando questionados *se possuíam o costume de ler para os seus filhos*, sete pais (78% da amostra) apontaram que sim, possuem esse hábito, enquanto dois pais (22% da amostra) indicaram que não.

Na descrição dos momentos de leitura, foi possível observar algumas convergências nos relatos dos pais. Os dois pais que indicaram que não leem para seus filhos apontaram como causa a dificuldade que as crianças têm para se concentrar na história que está sendo contada. Ou seja, as crianças que possuem maior dificuldade de concentração, têm maior dificuldade em serem cativadas pelas histórias. Essa dificuldade de se concentrar pode ser atribuída em alguns casos às comorbidades do TEA, como o Transtorno do Déficit de

Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Pela fala dos entrevistados também foi possível perceber que livros curtos e que possuem figuras são os mais atrativos para essas crianças. Textos demasiadamente longos tendem a fazer com que eles percam o interesse rapidamente, devido a já mencionada dificuldade de concentração. Alguns pais também destacaram que algumas vezes, ao invés de pegar um livro e ler, eles contam uma história para as crianças, usando as imagens de um livro como referência, por exemplo. O contar cria um elo entre o leitor, o livro e a criança. O pai ou a mãe torna-se o mediador da leitura, atraindo seu filho para aquele universo.

Ao final da entrevista, perguntou-se se os pais acreditam que os momentos de leitura ajudam a criança em seu desenvolvimento. A maioria dos pais respondeu afirmativamente e destacaram como benefícios: o fato de a criança levar para o real o que vivencia nas leituras; seu papel no aprendizado e evolução na escrita, e no desenvolvimento de comportamentos sociais; sua ajuda no entendimento que determinados comportamentos são adequados para certos contextos sociais; o auxílio que a leitura tem para a abstração, para o processo imaginativo, em especial quando realizada na forma de contação de história. Isso porque a narração cria um espelho para a criança; ela é agraciada com uma contação e resolve se fazer de contadora, funcionando assim como um estímulo para as crianças com TEA, pois elas têm a capacidade de imitação reduzida.

Assim é possível perceber o potencial terapêutico da leitura no desenvolvimento das crianças com TEA. E apesar de a biblioterapia não ter aparecido como uma terapia a que essas crianças são submetidas, os pais estão explorando a faceta terapêutica da leitura.

5.3 OS RESULTADOS EXPOENTES DO GRUPO B

Essa seção busca analisar a relação das crianças com TEA com os seus colegas e como se dão os momentos de leitura em sala de aula ou no espaço da biblioteca. Busca verificar também os benefícios que a leitura pode ocasionar no desenvolvimento desse público. Dos seis entrevistados do Grupo B, três são

pedagogos, uma é professora pelo Curso Normal, uma é estudante de Pedagogia e uma é bibliotecária.

As crianças que se enquadram no espectro autista são profundamente distintas entre si e isso fica explícito na fala dos profissionais que lidam, muitas vezes, com mais de uma criança com o TEA em seu dia a dia. Os desafios para incluí-las nas atividades com as demais crianças e as adversidades no processo de ensino-aprendizagem foram relatados frequentemente, entre tantos outros. Em cada entrevista, alguns elementos se sobressaíram no que diz respeito aos momentos de leitura e à relação das crianças com a turma em que está inserida.

Diferentemente do Grupo A, nessa abordagem ficou evidente o impacto que o grau do TEA tem sobre o desenvolvimento e socialização da criança. Pôde-se perceber que as crianças com grau severo são extremamente difíceis de ser afetadas por uma atividade e que possuem maior dificuldade de focar a atenção, o que dificulta, entre outras coisas, a atividade de leitura. Ainda assim, os entrevistados expuseram que não é impossível, mas que deve ser planejada uma atividade específica e direcionada para as necessidades da criança.

Os profissionais destacaram alguns materiais de leitura e de atividades lúdicas que mais chamam a atenção das crianças do espectro, como os seguintes: fantoches; materiais coloridos; contação de histórias gravadas em vídeo; livros comuns com muita imagem; livros de música; livros de pano; alfabeto móvel; massinha de modelar.

Ao final da entrevista, perguntou-se *se esses profissionais acreditam que os momentos de leitura ajudam a criança com TEA em seu desenvolvimento*. Neste grupo, as respostas foram diversificadas refletindo a experiência de cada um com esse público. Uns manifestaram que a leitura ajuda na linguagem e na ampliação do vocabulário e promove uma série de estímulos às crianças, entre eles provocar a atenção e a concentração, a imaginação e a comunicação. Outros externaram ser uma maneira lúdica de a criança se expressar e de compreender o mundo, conseguindo através desta prática aprender novos comportamentos que a ajudem a viver com mais qualidade. Acrescentaram que os momentos de leitura que incluem um grupo podem ajudar a criança na socialização, sendo uma oportunidade de interação e formação de vínculos.

Algumas profissionais expuseram que o livro pode auxiliar a desenvolver habilidades, trabalhar os sentidos como a sensibilidade a texturas (tato), reconhecer uma canção (audição), observar semelhanças e diferenças entre objetos (visão). Destacaram, ainda, seu auxílio na luta contra a timidez e sua ajuda na desenvoltura da expressão oral e da entonação no momento da fala.

Indiretamente a leitura também se provou de grande ajuda a essas crianças. Algumas profissionais destacaram que utilizam histórias para explicar aos colegas de turma da criança o que é o TEA e relataram que isso suscitou o sentimento de empatia que ajudou a promover um melhor acolhimento e possivelmente uma melhor relação com a turma.

5.4 OS RESULTADOS EXPOENTES DO GRUPO C

Essa seção busca identificar se os profissionais que atuam/atuaram em clínicas, consultórios, hospitais e/ou órgãos de atendimento a crianças especiais utilizam a leitura como um recurso terapêutico no seu trato com crianças com TEA.

Dos onze entrevistados, seis são psicólogos, sendo que um informou também ser psicopedagogo, somando dois psicopedagogos; e quatro são fonoaudiólogos.

Questionou-se se esses *profissionais realizam/realizavam atividades de leitura com as crianças com TEA*. Nove profissionais indicaram que sim, o que corresponde a 82% da amostra e dois indicaram que não realizam, o que corresponde a 18% da amostra.

A partir das entrevistas pôde-se perceber que a leitura e o livro têm sido utilizados como recursos terapêuticos por psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos. Nos relatos, eles apontaram que os benefícios a partir do uso da leitura incidem sobre o processo de socialização, comunicação, desenvolvimento da fala e da linguagem, aprendizagem, ampliação de vocabulário, interpretação e modelagem do comportamento, sendo que a contação de história os ajuda a associar e interpretar comportamentos ao identificá-los nos personagens dos livros.

Eles apontaram também que a leitura ajuda as crianças a lidarem com

demandas sociais, muitas vezes através das histórias sociais, e que as auxilia a focar a atenção, entender e expressar suas emoções. Observou-se também a importância de formar um vínculo com a criança e de trazer a família para a terapia criando esse elo triplo: criança, família e terapia. Outra observação foi referente à necessidade de adaptar os livros a temas de interesse das crianças e a ajustar as histórias da melhor forma a ajudá-las; o foco, assim, é a leitura em si e não necessariamente o objeto livro.

Eles também fizeram referência a recursos que podem ser utilizados paralelamente aos livros, como o fantoche, o uso das mídias e o uso do fone de ouvido para auxiliar a focar a atenção da criança e diminuir os estímulos externos.

Na análise das respostas dos entrevistados dos três grupos foi possível perceber que, embora o termo “biblioterapia” não tenha sido mencionado explicitamente, a leitura apareceu como ferramenta terapêutica junto a esse público. Os benefícios relatados pelos sujeitos da pesquisa ao introduzir a leitura na vida dessas crianças podem amenizar os principais déficits observáveis em indivíduos com TEA citados na literatura pesquisada. O quadro 1 ilustra essa relação:

Quadro 2 – Síntese dos benefícios que a leitura pode acarretar relativamente aos principais déficits observáveis em indivíduos com TEA.

Déficits observáveis em indivíduos com TEA.	Benefícios obtidos pelo uso da leitura junto às crianças com TEA
Déficits na interação social manifesto por déficits na reciprocidade socioemocional, como pouca motivação em compartilhar interesses, emoções e afeto.	As rodas de leitura em sala de aula são uma oportunidade de interação dessas crianças com o restante da turma; Em consultórios/clínicas trabalhar a leitura com as crianças em dupla pode ser um meio de estimular a interação; O uso dos livros para trabalhar emoções pode fazer com que a criança absorva o que está ali escrito e consiga entender melhor suas emoções e conseqüentemente compartilhá-las.
Déficits na comunicação verbal.	A leitura pode auxiliar no desenvolvimento linguístico e na aquisição de vocabulário, em especial com livros que contenham muitas ilustrações. Isso promove uma melhora na fala e na linguagem da criança.
Déficits na compreensão e no uso de gestos.	Os livros podem ser utilizados para demonstrar o que significam determinados gestos e quando usá-los. As crianças com TEA são muito visuais, dessa forma, algumas podem compreender melhor determinados

	comportamentos visualizando-os em uma ilustração em um livro, por exemplo.
Dificuldade em ajustar o comportamento a diferentes contextos sociais.	O uso de histórias sociais destaca-se nesse ponto, uma vez que elas são usadas para ensinar determinados comportamentos. Assim, pode-se preparar uma história para ensinar determinada conduta que a criança tem dificuldade em compreender.
Dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas.	A leitura abre novos mundos às pessoas. Assim, a criança pode começar a imaginar a partir do contato com livros e deslocar isso para seu cotidiano. Pode-se notar isso pelas falas de alguns entrevistados que explicitaram que as crianças com TEA gostavam de brincar de contar histórias.
Dificuldade em entender o que outras pessoas pensam e sentem.	A apresentação a diferentes personagens auxilia no desenvolvimento da empatia e desenvolve a terapia da mente.
Capacidade de imitação reduzida ou completamente ausente.	A contação de histórias é essencial nesse sentido, pois envolve não apenas a linguagem verbal, como também a linguagem corporal. O ato de contar histórias funciona como um verdadeiro espelho: a criança é agraciada pelo ato e o reproduz. Isso estimula a imitação e a imaginação.
Incapacidade para abstração e formação de conceitos.	O uso da leitura é essencial para auxiliar a criança no processo de formação de conceitos. Um livro que contenha imagens, texturas e sons, por exemplo, ajuda a criança a formar a ideia, o conceito em sua cabeça.

Fonte: As autoras (2019)⁸

6 CONCLUSÃO

A biblioterapia, embora etimologicamente signifique a terapia por meio dos livros, pode ser entendida de forma muito mais ampla, como a terapia por meio da leitura, independente do seu suporte. Seus objetivos englobam, entre outros, facilitar a socialização, a comunicação, a criatividade e a aquisição de informação. Também se destaca seu auxílio no processo de autoconhecimento e a ajuda que proporciona na solução de problemas do indivíduo.

A partir do exposto é possível concluir que a leitura pode ser uma grande aliada no desenvolvimento de crianças com TEA, uma vez que ela promove benefícios para os principais déficits do transtorno. Além disso, através da análise das entrevistas, pôde-se perceber que é possível trabalhar a leitura com

⁸ A coluna *Déficits observáveis em indivíduos com TEA* foi composta com base na literatura científica. Por sua vez, a coluna *Benefícios obtidos pelo uso da leitura junto às crianças com TEA* foi elaborada a partir das respostas dos sujeitos entrevistados.

as crianças que possuam o TEA em graus leve e moderado, embora não tenha sido conclusiva a questão do uso da leitura com crianças de grau severo.

Por meio da pesquisa realizada, apresentou-se algumas evidências dos benefícios que a leitura traz para crianças com TEA. Como recurso terapêutico, a biblioterapia pode dar a elas e ao seu entorno uma condição mais propícia para lidarem com situações do cotidiano em busca de uma qualidade de vida melhor. Mostrou-se também que, a exploração da leitura, nas suas variadas formas, abre uma perspectiva positiva para melhoria da sociabilidade, das emoções afetivas e da inteligência cognitiva dessas crianças.

Contudo, sabe-se que, para obter evidências mais robustas, é necessário ir mais além e realizar um estudo mais abrangente do impacto que essa terapia alternativa pode ter na vida das crianças com TEA. Este será o próximo desafio.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. H. H. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 54- 61, 1982. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_09_e78c51e2_0018372.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Transtornos do Neurodesenvolvimento. *In*: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 31-86.

AMORIM, L. **Tratamento**, c2019. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acesso em: 26 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 13 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.035 de 5 de outubro de 2018. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 194, p. 43, 8 out. 2018. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=08/10/2018&jornal=515 &pagina=43>. Acesso em: 13 set. 2019.

BRILHA, D. **Comportamentos de interação em alunos com Perturbações do Espectro do Autismo**: o contributo de histórias sociais™ na hora do conto. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, especialidade

Educação Especial: Problemas Graves de Cognição e Multideficiência) - Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa, 2012.

BRITO, A.; VASCONCELOS, M. M. Conversando sobre autismo: reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. *In*: CAMINHA, V. L. P. S. *et al.* (org.). **Autismo: vivências e caminhos**. São Paulo: Blucher, 2016.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001a. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000006962/eec972adfaa4c3e905d5981757bfc108>. Acesso em: 16 set. 2018.

CALDIN, C. F. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b.

CAVALCANTE, L. E. **Mediação da leitura e formação do leitor**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019. (Curso formação de mediadores de leitura, 1).

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n.2, p 35-47, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 09 abr. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GRAY, C. Social Stories and comic strip conversations with students with Asperger syndrome and high-functioning autism. *In*: SCHOPLER, E.; MESIBOY, G. B.; KUNCE, L. J. (ed.). **Asperger syndrome or high-functioning autism?** New York: Plenum, 1998. p. 167–198.

HANLEY-HOCHDORFER, K. *et al.* Social stories to increase verbal initiation in children with Autism and Asperger's Disorder. **School Psychology Review**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 484-492, 2010. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ900924>. Acesso em: 02 jun. 2019.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, New York, v. 2, p. 217-250, 1943. Disponível em: http://mail.neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf. Acesso em: 02 jun. 2019.

LUCAS, E. R. O.; CALDIN, C. F.; SILVA, P. V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 398-415, 2006. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/276/69>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

NUNES, D. R. P.; WALTER, E. C. Processos de leitura em educandos com Autismo: um estudo de revisão. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 22, n. 4, p. 619-632, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382016000400619&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 jun. 2019.

OLIVEIRA, A. C. F. *et. al.* O biblioterapeuta: a nova atuação do profissional bibliotecário. *In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO*, 14., 2011, São Luís. **Anais [...]** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2011. p. [1-12]. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTERAP%C3%A9A%20nova%20atua%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20bibliotec%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>. Acesso em: 29 out. 2019.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

RATTON, N. M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002656/0b3da86eac29ee0efde1c066b4026a84/>. Acesso em: 9 abr. 2019.

SANCHES, I. R.; SIQUEIRA, L. P. C. A inclusão escolar e o Transtorno do Espectro do Autismo. **Comunicações**, Piracicaba, v. 3, n. 3, n. especial, p. 167-183, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/2068comunicacoes/v23nesp/21202-a-inclusao-escolar-e-o-transtorno-do-espectro-do-autismo.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, [Florianópolis], 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/78289/175141.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SEITZ, E. M. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. **ETD: Educação Temática Digital**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 96-111, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/598/613>. Acesso em: 21 abr. 2019.

SEIXAS, C. **Vivências em Biblioterapia: práticas do cuidado através da literatura.** Niterói: C. Seixas, 2014.

SILVA, C. S. **Inclusão de crianças autistas no processo de leitura.** 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SOUSA, A. C. G. **A Biblioterapia como alternativa terapêutica no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

VALENCIA, M. C. P.; MAGALHÃES, M. C. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [Rio Grande], v. 29, n. 1, p. 5-27, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585>. Acesso em: 9 abr. 2019.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.

BIBLIOTHERAPY AS AN AUXILIARY RESOURCE IN THE DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

ABSTRACT

Objective: To verify the perception of parents and professionals about the benefits of using bibliotherapy as an auxiliary resource in the development of children with ASD.

Methodology: Based on bibliographic research, the theoretical part starts with the view of several authors about ASD and later present bibliotherapy, and in particular its use as an auxiliary resource in the treatment of children with the disorder. In the empirical part, a qualitative approach was carried out, whose data were obtained through semi-structured interviews. 26 people were interviewed, including parents, educators, teachers, psychologists, speech therapists, among others. **Results:** From the analysis of the interviews, it was possible to observe the benefits that bibliotherapy can provide in the treatment of the main deficits of the disorder and the positive effect on the development process of children with ASD. In addition, it was noticed that it is possible to work reading with children who have ASD in mild and moderate degrees, although the question of using reading with children with several degree was not conclusive.

Conclusions: The present study presented evidence on the benefits of bibliotherapy in children with ASD. Despite encouraging results, there is a need for broader studies of the impact that this alternative therapy can have on these children's lives.

Descriptors: Bibliotherapy. Therapeutic reading. Reading mediation. Autism Spectrum Disorder.

LA BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO AUXILIAR EN EL DESARROLLO DE NIÑOS CON TRASTORNO DEL

ESPECTRO AUTISTA (TEA)

RESUMEN

Objetivo: Verificar la percepción de padres y profesionales sobre los beneficios de usar biblioterapia como recurso auxiliar en el desarrollo de niños con TEA. **Metodología:** Basado en la investigación bibliográfica, la parte teórica comienza con la opinión de varios autores sobre TEA para luego presentar biblioterapia, y en particular su uso como recurso auxiliar en el tratamiento de niños con el trastorno. En la parte empírica, se realizó un estudio de campo con enfoque cualitativo, cuyos datos se obtuvieron mediante entrevistas semiestructuradas con 26 sujetos, incluso padres, educadores, psicólogos, logopedas, entre otros. **Resultados:** Del análisis de las entrevistas, fue posible observar los beneficios que la biblioterapia puede proporcionar en el tratamiento de los principales déficits del trastorno y el efecto positivo en el proceso de desarrollo de los niños con TEA. Además, se observó que es posible trabajar la lectura con niños que tienen TEA en grados leves y moderados, aunque la cuestión de usar la lectura con niños de grado severo no fue concluyente. **Conclusiones:** El presente estudio presentó evidencia sobre los beneficios de la biblioterapia en niños con TEA. A pesar de los resultados alentadores, es necesario realizar estudios más amplios sobre el impacto que esta terapia alternativa puede tener en la vida de estos niños.

Descriptores: Biblioterapia. Lectura terapéutica. Mediación de lectura. Trastorno del Espectro Autista.

Recebido em: 27.02.2020

Aceito em: 05.04.2021